



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

EDOM DOS SANTOS

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A *ILÍADA*, DE HOMERO, E O FILME *TROIA*,  
DE WOLFGANG PETERSEN**

ITABAIANA/SE  
2024

**EDOM DOS SANTOS**

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A *ILÍADA*, DE HOMERO, E O FILME *TROIA*,  
DE WOLFGANG PETERSEN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

ITABAIANA/SE  
2024

**EDOM DOS SANTOS**

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A *ILÍADA*, DE HOMERO, E O FILME *TROIA*,  
DE WOLFGANG PETERSEN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

Aprovado em 1º de abril de 2024.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira (UFS)

ORIENTADOR

---

Profª. Dra. Luciene Lages (UFS)

## **AGRADECIMENTOS**

A ele seja a glória perpetuamente! Amém. (Romanos 11:36). Gostaria de agradecer a Deus por todas as coisas que tem feito em minha vida, por todos os milagres e por até aqui ter me ajudado. Ele me tem feito forte e corajoso e por isso sou grato. Agradeço também a toda minha família que sempre esteve ao meu lado, em especial minha querida mãezinha, Josinete, que sempre lutou por mim e por meus irmãos em todos os momentos da nossa vida e apesar de duras provas nunca nos deixou. Agradeço também a minha irmã, Tâmara, que me insentivou desde o início da minha jornada universitária, me aconselhou me conscientizou e torceu por mim. Você foi minha segunda mãe e serei eternamente grato. Também minha irmã Damaris e meu pequeno sobrinho Antony que sempre estão comigo. Aos meus dois irmãos Aisamaque e Weider, esses grandes companheiros que também me apoiaram bastante, me ajudaram em tudo que precisei. Desde nossa infância temos grande companheirismo e uma lealdade enorme, vocês também fazem parte da minha conquista, eu os amo de todo coração. Agradeço a minha querida namorada por seu apoio em todos os momentos, me tranquilizando e me ajudando a ser forte. A todos os amigos que também me ajudaram ao longo dessa jornada, vocês também foram importantes, me deram forças quando estive desanimado, mesmo sem perceber, e por isso sou grato, principalmente a vocês, Paulo, Lucas, Igor, Diego e Vanessa, também aos meus tios de coração Andrade e Marlene. Agradeço aos demais amigos que também são importantes em minha vida, agradeço a Deus por ter colocado todos vocês em minha jornada. Amo todos vocês! Por fim e muito importante na minha vida pessoal, acadêmica e profissional, agradeço ao meu professor e orientador Fábio José. Sou grato por seu empenho, dedicação, atenção, além de admirar muito sua inteligência, paciência e profissionalismo. O senhor conseguiu extrair de mim o máximo, me orientou da melhor forma e ministrou grandes aulas com ótimos ensinamentos e isso vai deixar uma marca positiva para sempre em minha vida. Quero dizer que o admiro como professor e como pessoa, sem o senhor eu não conseguiria chegar até aqui, me sinto privilegiado por ter sido seu aluno e levarei comigo não só os ensinamentos mas também os valores que influenciarão minha trajetória. Muito obrigado por tudo e Deus o abençoe.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise comparativa entre a *Ilíada*, de Homero, e o filme *Troia* (2004), dirigido por Wolfgang Petersen (1941-2022). Vamos analisar os personagens principais e os desafios pessoais que enfrentam na obra de Homero, e como esses aspectos são interpretados na adaptação cinematográfica de Petersen. No âmbito da adaptação literária para o cinema, abordaremos as transformações que ocorrem durante esse processo, observando o que uma obra literária ganha e perde ao ser adaptada para as telas. Buscaremos compreender as perspectivas dos críticos diante dessa transição, examinando como as diferentes nuances de uma narrativa são interpretadas e avaliadas em cada meio. A atenção se voltará para o papel crucial do adaptador, explorando os critérios utilizados na elaboração da obra cinematográfica, os desafios enfrentados nesse processo e como a visão do adaptador pode moldar a percepção da história original. Uma análise detalhada será dedicada aos personagens principais, Aquiles e Heitor, revelando seus objetivos, conflitos internos e as motivações que permeiam suas ações. Além disso, serão examinados a presença e o impacto dos deuses olímpicos na *Ilíada*, em contraste com a ausência destes na adaptação de Petersen, destacando como essas figuras mitológicas influenciam o cotidiano e a guerra entre gregos e aqueus na obra original. Este estudo propõe uma imersão na interação entre a palavra escrita e a imagem em movimento, proporcionando uma compreensão mais ampla e enriquecedora dessas duas formas distintas de contar uma história. Por fim, para embasar nosso estudo, tomamos como referência os estudos de Hutcheon (2011), Brandão (2004), Stam (2006) e Vernant (2009).

**Palavras-chave:** Literatura Comparada; Literatura e Cinema; *Ilíada*; *Troia*.

## ABSTRACT

This work aims to present a comparative analysis between Homer's *Iliad*, and the film *Troy* (2004), directed by Wolfgang Petersen (1941-2022). We will analyze the main characters and their personal challenges in Homer's work, examining how these aspects are interpreted in Petersen's cinematic adaptation. In the context of literary adaptation to film, we will explore the transformations that occur during this process, observing what a literary work gains and loses when adapted for the screen. We seek to understand critics' perspectives on this transition, examining how different nuances of a narrative are interpreted and evaluated in each medium. Attention will be focused on the crucial role of the adapter, exploring the criteria used in creating the cinematic work, the challenges faced in this process, and how the adapter's vision can shape the perception of the original story. A detailed analysis will be dedicated to the main characters, Achilles and Hector, revealing their goals, internal conflicts, and the motivations that underlie their actions. Additionally, we will examine the presence and impact of the Olympian gods in the *Iliad*, in contrast to their absence in Petersen's adaptation, highlighting how these mythological figures influence the daily life and war between Greeks and Achaeans in the original work. This study proposes an immersion into the interaction between written word and moving image, providing a broader and enriching understanding of these two distinct forms of storytelling. Finally, to support our study, we refer to the works of Hutcheon (2011), Brandão (2004), Stam (2006), and Vernant (2009).

**Keywords:** Comparative Literature; Literature and Cinema; *Iliad*; *Troy*.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1 RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E CINEMA.....</b>	<b>8</b>
<b>2 A <i>ILÍADA</i>, DE HOMERO .....</b>	<b>12</b>
<b>3 <i>TROIA</i>, ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DE WOLFGANG PETERSEN .....</b>	<b>18</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

A *Ilíada* é uma das mais importantes obras da literatura épica, sendo conhecida mundialmente, é uma das mais importantes obras da literatura épica, sendo conhecida mundialmente. Sua importância despertou o interesse de várias indústrias de produção, entre elas o cinema, que buscou adaptar as obras para as telas. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo realizar um estudo comparativo entre a *Ilíada*, de Homero, e o filme *Troia* (2004), de Wolfgang Petersen (1941-2022). Analisaremos a obra de Homero, seus principais personagens e os dilemas pessoais que enfrentam, e como isso é lido pela adaptação cinematográfica de Petersen.

A análise comparativa entre a *Ilíada* e o filme *Troia* é importante porque oferece uma fascinante perspectiva sobre a adaptação cinematográfica de uma das maiores epopeias da antiguidade grega. Explorando as divergências e convergências entre a obra literária e sua reinterpretação visual, essa investigação revela nuances culturais, artísticas e narrativas que enriquecem a compreensão da mitologia do ciclo troiano e da complexa trama de guerra e deuses que permeiam ambos os relatos.

Uma adaptação cinematográfica desempenha um papel significativo ao transformar obras literárias em experiências visuais, alcançando novos públicos e proporcionando uma interpretação única da história original. Ao traduzir narrativas para o meio cinematográfico, as adaptações oferecem uma oportunidade de reimaginar personagens, cenários e diálogos, permitindo que a audiência experimente a trama de maneiras distintas. Além disso, as adaptações cinematográficas podem revitalizar ou modernizar histórias clássicas, mantendo-as relevantes para audiências contemporâneas e contribuindo para a preservação e disseminação da cultura literária.

## 1 RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E CINEMA

Tanto o cinema quanto a literatura desempenham papéis importantes na nossa cultura. Ambos os meios contam histórias de maneiras diferentes, complementando-se ao oferecerem perspectivas variadas e enriquecedoras para o público. Muitos filmes são adaptados de obras literárias. As adaptações estão presentes em todos os lugares como televisão, cinema, teatro, quadrinhos, musicais, romances, etc. Enquanto a literatura permite uma exploração profunda dos pensamentos dos personagens, o cinema traz vida a essas histórias através de elementos visuais, atuações e trilha sonora. Além disso, a literatura frequentemente inspira roteiros de adaptações e influencia a narrativa cinematográfica. Ambos os meios contam histórias, mas cada um traz suas próprias características e formas de cativar o público.

Apesar de cada uma ter suas características, existe uma discussão calorosa sobre as adaptações do cinema em relação às obras literárias. Alguns posicionamentos críticos foram feitos às adaptações e levaram a opiniões hostis sobre o assunto:

Louis Begley costuma utilizar, porém, palavras ainda mais fortes e certamente moralistas para atacar as adaptações cinematográficas de textos literários: “suavização”, “interferência”, “violação”, listadas em McFarlane (1996, p. 12), “traição”, “deformação”, “perversão”, “infidelidade” e “profanação”, encontradas por Stam (2000, p. 54). (HUTCHEON, 2011, p. 22-23).

Como destacou Hutcheon, muitos críticos não demonstraram satisfação em como as obras são adaptadas para as telas de cinema. Mas se os cineastas seguissem à risca as obras literárias de referência, isso seria considerado plágio e não uma adaptação, que é o que realmente é para ser. Qualquer adaptação está sujeita a ser julgada e considerada inferior ou não tão boa quanto à obra “original”. Essa comparação é quase inevitável. As pessoas que recebem a obra adaptada tendem a julgar de acordo com a “original” e não veem a adaptação como uma obra independente, que de fato é o que deveria ser.

Talvez o motivo de maior descontentamento seja quando a mudança na adaptação foge consideravelmente do livro. Como comenta Stam, alguns cineastas modificam algumas cenas, o que pode gerar um novo sentido à obra adaptada:

Outras vezes, os diretores alteram eventos, como quando Minnelli, provocando Flaubert, faz com que Charles Bovary se recuse a realizar a operação em Hippolyte. Ou os cineastas podem simplesmente amplificar passagens do romance que oferecem possibilidades tentadoras para tomadas espetaculares ou “cinematográficas”. (...) Alguns diretores adicionam materiais simplesmente para seu próprio prazer, como quando Truffaut inclui a canção “Le Tourbillon de la Vie”, interpretada por Jeanne Moreau em Jules e Jim. (STAM, 2006, p. 40-41).

Essa modificação por acréscimo ou até mesmo corte também pode acontecer com personagens, cenas, falas e outros. Isso vai depender muito do diretor, da adaptação, da interpretação, do interesse do público, etc. Não é errado esse tipo de modificação, porque estamos tratando de uma adaptação, e não de uma cópia de um livro transformado em cinema. Essa “liberdade” de mudanças que possui o cineasta muitas vezes não é vista com bons olhos, o que acaba gerando essa confusão.

A relação entre literatura e cinema é complexa, e isso tem gerado um embate entre as duas categorias. Embora haja muitas oportunidades para compatibilidade bem-sucedidas e colaborações criativas entre essas duas formas de arte, também existem desafios e pontos de conflito que podem atrapalhar essa relação. Alguns dos pontos que podem causar incompatibilidade entre literatura e cinema são:

a) Diferenças de mídia: Literatura e cinema são mídias distintas, cada uma com suas próprias características e linguagens. O que funciona bem em um meio nem sempre se traduz diretamente para o outro. A literatura permite uma exploração mais profunda dos pensamentos e emoções dos personagens, enquanto o cinema muitas vezes depende de elementos visuais para transmitir informações.

b) Restrições de tempo: filmes geralmente têm uma duração limitada, o que pode exigir que as heranças literárias cortem ou resumam partes da história original. Isso pode resultar na perda de nuances, subtramas e detalhes que eram importantes na obra literária.

c) Expectativas dos fãs: os leitores muitas vezes têm uma conexão emocional com os livros originais e podem ter expectativas rígidas sobre como os personagens e a trama devem ser retratados na adaptação cinematográfica. Se essas expectativas não forem atendidas, pode haver descontentamento.

d) Licença criativa: os cineastas frequentemente precisam tomar decisões de adaptação e modificar a história original para que ela funcione melhor na tela. Isso pode levar a divergências entre o que o autor original pretendia e como o filme é finalmente apresentado.

e) Simplificação: devido às limitações de tempo e ao desejo de atrair um público amplo, a vontade cinematográfica às vezes simplifica ou superficializa personagens e temas complexos presentes na obra literária adaptada.

f) Pressões comerciais: a indústria cinematográfica é muitas vezes impulsionada por preocupações comerciais, o que pode levar a mudanças na produção, priorizando o apelo comercial sobre a fidelidade à obra original.

g) Desafios estilísticos: nem todas as histórias literárias se traduzem facilmente para o cinema, especialmente aquelas que exploram narrativas internas, monólogos interiores e outros elementos literários difíceis de representar visualmente.

h) Nível de detalhe: livros têm a vantagem de poder explorar detalhes minuciosos da história, enquanto filmes muitas vezes precisam simplificar e resumir para se adequar ao formato. Isso pode levar a uma perda de profundidade narrativa.

i) Conflitos criativos: colaborações entre autores e cineastas podem levar a conflitos criativos, especialmente quando ambos têm visões diferentes sobre como a história deve ser adaptada. Esse pode ser um dos principais pontos.

Apesar desses desafios, muitas obras literárias bem-sucedidas foram feitas ao longo dos anos, e a relação entre literatura e cinema também resultou em produções notáveis que ampliaram o alcance das histórias originais para novas audiências. A chave para uma adaptação bem-sucedida muitas vezes reside em encontrar um equilíbrio entre a fidelidade ao material original e a adaptação criativa às características únicas do cinema.

Autores habilidosos criam mundos ricos e personagens complexos através das palavras escritas, permitindo que os leitores mergulhem profundamente nas emoções e pensamentos dos protagonistas. Quando essas obras são levadas para a tela grande, diretores e cineastas enfrentam o desafio de traduzir essa profundidade textual para uma linguagem visual. Desafio esse que muitas vezes pede que o cineasta fuja um pouco da obra literária para dar mais vida ou dinamismo à sua obra visual, como destaca Hutcheon:

Grande parte do discurso sobre a adaptação para o cinema, contudo, se dá em termos negativos de perda. Em alguns casos, isso que chamam de perda é simplesmente uma redução no escopo: modifica-se a extensão, eliminando detalhes e alguns comentários. (HUTCHEON, 2011, p. 66).

Por vezes, essa redução ou corte se torna necessário, visto que, como já mencionado acima, as restrições de tempo de tela são diferentes do tempo da literatura escrita, então é preciso adequá-lo ou adaptá-lo para atender a essas necessidades do cinema. Normalmente, os elementos eliminados são alguns trechos que não estão diretamente relacionados à história e sua ausência não é tão prejudicial no processo da narrativa. Uma adaptação cinematográfica atende a uma mensagem expressa por meio de imagens e poucas palavras, ao contrário da literatura escrita. Então é preciso entender as necessidades que surgem nas adaptações e saber que adaptação não tem que, obrigatoriamente, ser fiel à obra literária de origem. Adaptar é um trabalho complexo e muitas vezes desanimador.

As adaptações cinematográficas também podem ser entendidas como um meio de intertextualidade, pois existe um diálogo de obra entre cinema e literatura, ainda que o modo de abordagem seja divergente. E apesar de no processo de transformação de literatura para cinema se perderem alguns elementos que a crítica julga cruciais e de esse ser o motivo de muito debate, e é preciso levar em conta o que a obra ganha em todo esse processo.

Alguns desses pontos positivos que a obra ganha podem ser: visualização e estilo cinematográfico, trilha sonora, interpretação visual dos personagens, edição e ritmo, efeitos especiais, ênfase nas emoções, etc. Cada cineasta faz suas escolhas criativas em suas adaptações, que se tornam visivelmente impactantes e únicas. Tudo isso, de forma que gere equilíbrio com a obra “original” e ao mesmo tempo enriquecendo a adaptação. Como cita Hutcheon:

No entanto, ela também previu que o cinema tinha potencial para desenvolver um idioma próprio e independente: “o cinema tem ao seu alcance inúmeros símbolos para emoções que até hoje não encontraram expressão” nas palavras. (...) O cinema “nos conta histórias contínuas; ele ‘diz’ coisas que também poderiam ser expressas na linguagem das palavras, porém as diz de modo distinto. Há uma razão tanto para a possibilidade quanto para a necessidade das adaptações” (HUTCHEON, 2011, p. 23).

O cinema tem esse poder de transformar, do seu modo, e dar novas características às obras referenciais ou chamadas “fontes”. As adaptações têm o poder não só de simplificar mas também de ampliar as ideias da literatura. Isso não torna a literatura inferior ao cinema e não tira seu mérito. Esse processo de adaptação deveria ser visto como motivo de orgulho e reconhecimento, visto que a obra irá atingir um público que gosta mais do produto visual e conseqüentemente tornará a obra ainda mais conhecida.

Também é importante ressaltar que a influência não é de uma única direção. O cinema também inspira a literatura, estimulando autores a explorar novas formas de contar histórias e adotar narrativas visuais em suas palavras. A maneira como as câmeras capturam emoções sutis, os efeitos especiais, que criam mundos fantásticos, e a trilha sonora evocam sentimentos profundos – tudo isso pode deixar uma marca indelével na imaginação dos escritores, influenciando a forma como eles moldam suas histórias.

Em última análise, a relação entre literatura e cinema enriquece nosso mundo cultural. Cada um traz sua própria singularidade, oferecendo diferentes perspectivas e maneiras de envolver o público. Essa conexão duradoura entre palavras e imagens continua a inspirar narradores de todas as formas, levando a um universo infinito de histórias para serem descobertas e apreciadas.

## 2 A *ILÍADA*, DE HOMERO

Neste capítulo, analisaremos a *Ilíada*, de Homero, e seus personagens. Será analisada a conduta dos deuses no Olimpo, seu envolvimento direto e indireto nas ações humanas e sua influência sobre eles. Também observaremos os principais heróis da trama, Aquiles e Heitor, desde seu comportamento a sentimentos, atitudes e caráter. Também observaremos personagens secundários que influenciam no desenrolar da história, como os reis Agamemnon, da Grécia, e Príamo, de Troia.

A *Ilíada*, de Homero, é um épico grego antigo que narra a Guerra em Troia, que durou 10 anos, porém, nela é relatado apenas um período de 51 dias, sendo assim um recorte da história conhecido como “A ira de Aquiles”. A obra é dividida em 24 cantos e 15 mil versos compostos por volta do séc. VIII a.C. Conta a história de um cerco dos gregos (aqueus) sobre os troianos em uma cidade chamada Ílion (Noroeste da atual Turquia). Dos vários heróis mencionados na trama, Homero escolhe alguns, nos quais vai centrar a sua obra. Entre os principais, ele relata a história de Aquiles, o maior guerreiro grego, e sua luta contra Heitor, o maior guerreiro troiano. A obra é considerada uma das mais importantes da literatura ocidental e influenciou inúmeros escritores ao longo dos séculos.

Apesar de ser uma obra de ficção, existem algumas coincidências que chamam a atenção, como as armaduras gregas serem de bronze, visto que a Grécia, por volta do ano 700 a.C., era rica de tal recurso:

Agora, ela conserva para nós uma reminiscência da Idade do Bronze durante a qual viveu a raça dos heróis, aquela cujos ciclos épicos conservaram uma lembrança mais precisa e sobre a qual se debruçaram os poetas trágicos atenienses e poetas líricos. (ZANON, 2008, p. 17).

O combate de carros também citado na obra é outra coincidência, assim como a riqueza de Micenas em ouro. E por fim, Jones ainda cita mais um ponto interessante:

Os arqueólogos descobriram uma cidade florescente na região que Homero chama de Troia (e nós chamamos de Trôade). Nela, uma colina chamada Hisarlik em turco, escavada pelo aventureiro e fantasista Heinrich Schliemann de 1870 a 1890, foi identificada pelos gregos e romanos posteriores como a Ílion de Homero, como indicam os monumentos lá deixados. A arqueologia mostra que essa cidade foi atacada e sitiada por volta de 1200 a.C., e também que teve contato com os gregos da Idade do Bronze [...] (JONES, 2013, p. 22).

Mas isso ainda não é o suficiente para se afirmar com certeza se ocorreu ou não a guerra de Troia. Independentemente de ser fictícia ou não, não restam dúvidas de que é uma obra importantíssima da literatura.

A *Ilíada* inicia-se com o príncipe caçula troiano Páris em visita à Grécia, o qual fica encantado com a beleza de Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta (situada na Grécia). Ele a seduz e a leva para Troia (Ílion), contrariando seu irmão mais velho, Heitor. Menelau, ofendido por esse fato, pede ajuda a seu irmão Agamemnon, que juntos convocam seus guerreiros e organizam-se em partida numa grande expedição para resgatar Helena. O exército reunido consistia em um número bastante expressivo listado por Homero: “Eram 29 contingentes liderados por 44 comandantes de 175 locais diferentes da Grécia, 1186 embarcações podendo chegar a 100 mil guerreiros.” (JONES, 2013, p. 10).

O cerco a cidade de Troia durou 10 anos, mas Homero inicia a obra no último ano da guerra onde narra o fato em que Agamemnon é obrigado a devolver seu espolio de guerra, a filha de um sacerdote do deus Apolo. Para substituí-la, ele toma posse de Briseida, que pertencia ao lendário Aquiles, e inicia então uma desavença com seu maior guerreiro, que se sente humilhado e resolve sair da guerra junto com seu amigo Pátroclo. Com isso, a derrota dos gregos em batalha começa a ser frequente, visto que do outro lado o exército troiano era liderado pelo também lendário Heitor.

Sem que os humanos percebam, existe um envolvimento dos deuses nessa guerra: Zeus ajuda os troianos, enquanto Poseidon e Hera ajudam os gregos. Após ficar evidente a dependência que tem o exército grego das habilidades de Aquiles, o rei grego Agamemnon reconhece seu erro e devolve Briseida para Aquiles, mas isso não é o suficiente para fazer com que ele volte a guerrear. Somente com a morte de seu amigo Pátroclo pelas mãos de Heitor, que o confundiu com Aquiles, já que era noite e Pátroclo usava a armadura do herói grego, Aquiles retorna à guerra furioso, cheio de culpa e determinado a ter sua vingança.

Esse foi o início da morte de Aquiles, visto que estava condenado a uma vida curta se ele voltasse à guerra, mas o grego não mais temia a morte: o valor da vida de seu grande amigo deveria ser pago com outra vida, a de Heitor. Ele avança, e imparável, consegue matar o príncipe mais velho de Troia e, como se não bastasse, arrasta seu corpo para o acampamento grego. Príamo, rei de Troia e pai do falecido Heitor, vai até lá implorar o corpo do filho. Seu desejo é atendido e ele retorna com o cadáver. Dessa forma, encerra-se a *Ilíada*, mas Homero deixa subentendido que em um futuro muito próximo Aquiles morreria e Troia seria destruída.

É importante destacar também a presença e envolvimento dos deuses gregos, como Zeus, Poseidon e Hades. Eles eram cultuados mediante rituais e podiam se personificar em diversos seres, mas sua aparência era de aspecto humano. Até mesmo na obra, Homero muitas vezes descreve os deuses como muito semelhantes aos humanos, como uma família mesmo,

que brigavam e às vezes precisavam ser apaziguados para que não agissem cegamente com total força uns contra os outros. Tinham também suas atividades diárias e no fim do dia comiam, bebiam, riam, brincavam entre eles e depois iam para cama com suas esposas.

Zeus era tido como o líder, pois era o mais forte de todos: “Como soberano, Zeus encarna, diante da totalidade dos outros deuses, a maior força, o poder supremo: Zeus de um lado, todos os olímpianos reunidos do outro, é ainda Zeus que prevalece.” (VERNANT, 2009, p. 31). Quando ele fala, todo o Olimpo aquieta-se e sua vontade é feita, não importando o que os outros deuses achem, apesar de também exporem suas opiniões, sendo dessa forma quase um deus absoluto. Na narrativa de Homero, os deuses são descritos como seres majestosos e muito poderosos. Mesmo assim, em certos momentos os humanos, em sua ousadia, falam diretamente com os deuses e são por vezes indelicados com estes.

Os domínios do mundo eram divididos entre os três irmãos, Zeus, Poseidon e Hades;

Quando Zeus entra na composição de uma tríade, como faz com Posêidon e Hades, é para delimitar níveis ou domínios cósmicos, mediante partilha: o céu cabe a Zeus, o mar a Posêidon, o mundo subterrâneo a Hades; e a superfície do solo aos três, em comum. (VERNANT, 2009, p. 32).

Eles exerciam soberania e poder em suas áreas de domínio. Eram fortes, majestosos, habilidosos, respeitados e adorados. Vistos como forças da natureza, já que cada um (dos três principais) representava um elemento. Imortais, por assim dizer, mesmo podendo possuir forma humana. Assim eram vistos os deuses gregos pelos humanos.

Os deuses também se envolviam na lida cotidiana dos humanos. Às vezes agiam em favor daqueles que mais lhes agradavam. Exemplo disso é o da deusa Hera (deusa do casamento), que relata o trabalho que teve ao reunir o exército grego para a guerra contra Troia. Em outro trecho, Afrodite (deusa do amor, sedução e sexualidade) “convence” ou “obriga” Helena, esposa de Menelau, a se deitar com Páris, príncipe troiano, pois ele era o seu preferido entre os humanos. Os deuses eram muito instáveis. Quando eles sugeriam algo para os humanos fazerem e estes se recusavam, os humanos eram ameaçados e obrigados a cumprir a sua vontade. Esse foi justamente o caso de Helena:

Vai tu sentar-te ao lado dele, abjura os caminhos dos deuses  
E que não te levem mais teus pés ao Olimpo!  
Em vez disso estima-o sempre e olha por ele,  
Até que ele te faça sua mulher, ou até sua escrava!  
Mas eu para lá não irei – seria coisa desavergonhada –  
tratar do leito àquele homem. No futuro as Troianas  
todas me censurariam. Tenho no peito dores desmedidas. (HOMERO, 2013, p. 140).

Quando Helena se recusa a cumprir tal pedido, Afrodite lhe responde de maneira mais severa e direta, chegando a ser aterrorizante e deixando claro que a vontade dos deuses teria que ser cumprida independentemente de qual fosse ela, pois sua superioridade jamais poderia ser contestada:

Encolerizada lhe respondeu a divina Afrodite:  
Não me enfureças, desgraçada! Para que eu não te abandone e deteste do modo como agora maravilhosamente te amo; e para que eu não invente detestáveis inimizades entre Troianos e Dânaos: então morrerias de morte maligna. (HOMERO, 2013, p. 141).

Os deuses olímpicos observavam a vida dos humanos e escolhiam seus preferidos a fim de manipularem a vida destes do modo que lhes desse satisfação. Assim eram os deuses, faziam tudo à sua vontade. Páris se tornou o favorito de Afrodite após uma disputa lançada por Zeus. Essa disputa envolvia Hera, Atenas e Afrodite. O objetivo era saber quem era a mais bonita, e escolheram Páris como juiz. Cada uma delas ofereceu algo em troca do seu voto e no final Afrodite saiu como vencedora. Então, por isso, ela beneficiava Páris, e portanto, os troianos.

O poema épico é recitado por um narrador onisciente em terceira pessoa. Muitas vezes, em seus escritos, Homero chega a engrandecer tanto os feitos humanos que podemos compará-los, de um certo parâmetro, aos deuses. É o caso dos feitos de Aquiles, por exemplo, principal personagem da obra, filho do mortal Peleu, rei da Tessália, que se relacionou com Tétis, uma ninfa marinha. Reza a lenda que Aquiles, em seu nascimento, foi banhado no rio Estige: “E Aquiles perecerá muito jovem, exatamente pelo calcanhar não temperado pelo fogo ou não banhado pelas águas do Estige.” (BRANDÃO, 1986, p. 106). Dessa forma, ele se tornou invulnerável em todo o corpo, exceto no calcanhar, que não foi molhado. Este viria a ser o seu ponto fraco, dando origem ao famoso provérbio “o calcanhar de Aquiles”.

Apesar de habilidosos e ambiciosos, os heróis da trama não são classificados como insensíveis e meras máquinas de guerra. Eles (Aquiles e Heitor) não querem morrer. Homero deixa claro seu desejo de voltar para casa, para suas famílias. As batalhas que já enfrentaram são apenas um modo de ganhar reputação, glória eterna e seus amores. No caso de Heitor, é mais evidente o seu lado humano e romântico com sua esposa Andrômaca. Além disso, os líderes guerreiros Aquiles e Heitor deveriam ser bons oradores, pois isso era essencial para encorajar o seu exército a lutar com mais bravura no campo de batalha.

Entre os guerreiros gregos, está Aquiles, jovem, forte, astuto e protagonista da trama. Ele almejava a glória para si. A única coisa importante era obter a vitória, respeito e

reconhecimento. Queria que sua fama durasse além da sua morte. A derrota para ele seria um insulto. Vivia de forma intensa, já que estava condenado a ter uma vida curta e isso o motivava a cada vez mais a buscar sua glória.

Aquiles argumenta que os troianos nunca lhe fizeram mal e que estaria lutando pela honra de Menelau e que isso não o faria ficar preso à guerra. Diante dessa atitude, Agamemnon mostra para o exército que Aquiles é dispensável, mas, com a ausência do herói no campo de batalha, as derrotas gregas eram constantes. Aquiles ainda cogita matar seu próprio rei, mas é impedido pela deusa Atena, em mais uma interferência dos deuses.

O jovem lutador nunca ouviu os conselhos de ninguém, lutava quando queria e parava quando queria. Os deuses viam Aquiles e o comparavam a um leão, fera indomável quando se encontrava fora de controle, sem compaixão e medo. Mas, ainda assim, mortal e com sentimentos. Quando Heitor mata seu amigo Pátroclo, Aquiles perde o controle e se vinga matando Heitor. Nesse episódio, vemos características humanas dele, como o sentimento de tristeza, raiva, vingança, dor e perda de controle.

Os heróis têm coisas em comum. Tanto Príamo, pai de Heitor, quanto Peleu, pai de Aquiles, perdem seus filhos, ambos os heróis não queriam estar nessa guerra, e, no final, Aquiles, mesmo após matar Heitor, passa a respeitá-lo como também a seu pai. Em uma conversa, Príamo e Aquiles se olham com admiração, como se o velho rei troiano visse no assassino do filho características de Heitor, e Aquiles enxerga no rei um olhar solitário e triste, o mesmo que ele possuía.

Já Heitor, príncipe e herdeiro imediato ao trono de Troia, apesar de sua coragem, determinação, habilidade de liderança e ótimo guerreiro, prezava por sua vida e sua família. Amava incondicionalmente sua esposa, seus pais, seu país. Ele era mais racional e não agia por mero impulso. Apesar de também ser avassalador no campo de batalha, controlava seus impulsos melhor que Aquiles. Vivia e prezava pela honra. Para ele, glória e poder não importavam tanto. Mesmo assim, de forma corajosa e valente, assumiu as tropas e liderou Troia contra os gregos durante os 10 anos do cerco, para proteger sua família e seu amado país.

*A Ilíada* é uma obra rica em personagens, conflitos e temas. Através de suas histórias, Homero explora questões profundas sobre a natureza humana, a guerra, a honra, a vingança e a mortalidade. A obra é uma janela para a sociedade e a cultura da Grécia antiga, apresentando aspectos como a religião, a filosofia, a política e a mitologia.

A obra também é uma fonte valiosa para o estudo da literatura e da poesia épica. Homero utiliza uma linguagem elaborada, com um grande número de figuras de linguagem,

metáforas e epítetos, que contribuem para a criação de um mundo rico em imagens e simbolismos. A métrica da obra, baseada no hexâmetro dactílico, é uma das características mais marcantes da poesia épica grega.

A *Ilíada* influenciou a literatura e a cultura ocidental ao longo dos séculos, inspirando inúmeras obras literárias, musicais, teatrais e cinematográficas. A obra é um testemunho da habilidade humana para criar histórias duradouras, que ressoam através do tempo e do espaço.

### 3 TROIA, ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DE WOLFGANG PETERSEN

O filme *Troia*, dirigido por Wolfgang Petersen e lançado em 2004, é uma adaptação cinematográfica épica que mergulha na lendária Guerra de Troia. Com um elenco liderado por Brad Pitt, Eric Bana e Orlando Bloom, o filme busca recriar o conflito entre gregos e troianos, ao mesmo tempo que explora temas universais como honra, amor, destino e os estragos da guerra. O filme usou uma combinação de cenários construídos e locações reais para dar vida aos ambientes da Grécia Antiga.

A cidade de *Troia* foi recriada em cenários modificados, retratando os seus templos, muralhas e casas. As praias e campos de batalha foram filmados em locações reais, proporcionando uma sensação de conforto. A paleta de cores escolhida para o filme varia desde tons de terra e tons de areia, para refletir o ambiente desértico, até cores mais saturadas, durante cenas de batalha e momentos de destaque. Isso ajuda a transmitir emoção e a destacar certos aspectos da narrativa.

Neste capítulo, analisaremos os aspectos marcantes do filme, desde a fidelidade à mitologia até as interpretações dos personagens, como também a comparação da obra de Homero com a adaptação cinematográfica de Petersen e a representação visual da antiga cidade de Troia.

Quando falamos de fidelidade mitológica referimo-nos a um filme ou obra que retrata mitos ou histórias da mitologia, mantendo-se fiel aos elementos originais. No entanto, é importante notar que, muitas vezes, adaptações cinematográficas de histórias mitológicas tomam liberdades criativas para atender às necessidades da narrativa, aos limites de tempo do filme e a outros fatores. Isso pode resultar em desvios significativos da fonte original. Na adaptação de Petersen, embora a história básica da Guerra de Troia tenha sido mantida, algumas adaptações e alterações foram feitas, como, por exemplo, a ausência dos deuses. Embora os deuses desempenhem um papel importante na *Ilíada*, no filme eles são quase totalmente omitidos. Isso acontece provavelmente para tornar a narrativa mais acessível e focar nos aspectos humanos da história.

Porém, é importante ressaltar que a religião é um ponto importante e muito valorizado pela sociedade grega. Os gregos tiveram suas raízes religiosas de caráter politeísta. Essa crença existiu desde antes do surgimento do cristianismo; portanto, para eles não existe profeta e tão pouco um messias. A religião grega clássica defendia a existência de vários deuses (alguns deles já mencionados acima). A crença religiosa grega era passada de geração para geração

através da família. Ela era transmitida por meio de narrativas dos poetas antigos e podiam possuir várias versões, como afirma Vernant:

Para quem cumpre os ritos, basta dar crédito a um vasto repertório de narrativas conhecidas desde a infância, em versões suficientemente diversas e em variantes numerosas o bastante para deixar, a cada um, uma ampla margem de interpretação. (...) Rejeitar esse fundo de crenças comuns seria, da mesma maneira que deixar de falar grego e deixar de viver ao modo grego, deixar de ser si mesmo. (VERNANT, 2009, p. 15).

A religião clássica para os gregos é de muita importância, tanto na parte filosófica e pessoal. É também nessa pluralidade dos deuses que os gregos buscam saciar, de acordo com as circunstâncias, as suas necessidades humanas.

Assim como qualquer outra religião tem seus templos e lugares de adoração, não é diferente na cultura grega. Cada cidade erguia um templo em homenagem a um deus, esculpia sua forma e, em troca, o deus homenageado protegia o povo e a cidade. Era comum também se comemorarem datas festivas e se fazerem homenagem e culto aos deuses, com o intuito de se fortalecer o elo religioso. No filme, na primeira cena da invasão grega a *Troia*, Aquiles e seus homens destroem um templo construído em homenagem ao deus do sol. Por isso, seria ainda mais interessante ou necessária a presença também incisiva dos demais deuses na adaptação de Petersen, que preferiu dar mais ênfase nos aspectos humanos da *Ilíada*.

Aquiles se destaca tanto na *Ilíada* quanto no filme. Um dos quesitos que chama a atenção é a sua motivação, que nas duas obras é apresentada de forma diferente. No filme, Aquiles é retratado como um herói que busca a glória pessoal e a imortalidade através de suas ações na guerra, contrastando com sua vulnerabilidade emocional e dilemas internos, enquanto, na *Ilíada*, a motivação de Aquiles é mais complexa, envolvendo questões de honra, vingança e seu relacionamento com Patroclo.

Como já vimos, Aquiles é um herói guerreiro cujos valores são baseados na sua própria vontade. A figura do herói na Grécia antiga era vista como um símbolo de força, coragem, virtude e muitas vezes de justiça, mas seu papel fundamental é transformar-se em um ser de guerra. Desde a infância os semideuses são preparados para ocupar o espaço de liderança militar e com Aquiles não foi diferente. Em um cenário de guerra, é o herói que é valorizado e colocado como o ápice, se igualando ou ultrapassando o próprio rei em quesito de importância. Note-se o que diz Tavares e Costa sobre o papel do herói na Grécia antiga:

De acordo com Silva (2014)<sup>1</sup>, o herói tem pretensões de equiparar-se aos deuses e, justamente essa pretensão é a fonte de sua desmedida, pois suas ações transgridem as regras comuns aos homens e revelam ainda mais a humanidade do herói. Ele acaba por perceber as consequências de seus atos ao ser ele próprio o causador do seu destino, por sua insolência e orgulho. Em uma situação específica em que o herói é levado a tomar decisões extremas, ele manifesta a desmedida (Silva, 2014). Versiani (2008)<sup>2</sup> explica que o herói é constituído por paixões e excessos, o desejo é representado como o perigo que leva ao enfrentamento da morte. As tragédias gregas abordavam a questão de o herói transgredir a figura de autoridade, decidindo em favor da realização do desejo em detrimento das leis sociais, e esse ato impunha-lhe sofrimentos verdadeiramente humanos. A autora fala que o herói é aquele que deve padecer, pois carrega em si a culpa trágica. (TAVARES E COSTA, 2018, p. 105-106).

Essas atitudes individualistas, corajosas, destemidas, sem receio algum, inspiravam o povo, principalmente os soldados, e o contagiavam. Petersen, nesse quesito, apresentou muito bem em seu filme esse papel individualista. Os guerreiros entendiam isso como uma forma de os deuses principais estarem mais perto, visto que nos heróis gregos também corria o sangue dos deuses, e esses também eram guerreiros. Portanto, o herói também tinha esse papel de inspirar, principalmente em épocas de guerras e confrontos.

Aquiles é um dos heróis mais notáveis da Grécia. Sua complexidade está enraizada na luta entre seu desejo de fama e glória, e sua necessidade de conexões humanas e amor. Além disso, também era lembrado por sua ligação com a profecia de que ele poderia escolher entre uma vida longa e tranquila ou uma vida gloriosa e curta. Ele também enfrentou conflitos sobre sua lealdade ao rei Agamemnon e ao exército grego. Na *Ilíada*, a profecia sobre seu futuro foi expressa pelo oráculo; no filme, foi dita por Tétis, mãe de Aquiles. Vejamos um fragmento do filme:

Aquiles: Mãe, me decido essa noite.

Tétis: Se ficar em Larissa vai encontrar a paz e uma mulher maravilhosa vai ter filhos e filhas e eles terão filhos e amarão você e quando tiver partido se lembrarão de você, mas quando seus filhos morrerem e os filhos deles também seu nome se perderá. Se for a *Troia* a glória será sua, vão escrever histórias sobre suas vitórias por milhares de anos, o mundo vai se lembrar do seu nome, mas se você for a *Troia* não voltará para casa porque a sua glória anda de mãos dadas com seu destino e nunca mais o verei de novo. (TROIA, 2004).

---

<sup>1</sup> Silva, J. A. (2014). A hýbris e a arrogância: uma possível relação entre mitologia grega e psicanálise. Em P. J. Costa (Org.). Mitologia grega e psicanálise: reflexões. Curitiba: CRV.

<sup>2</sup> VERSIANI, Renata. **Mito e Psicanálise**. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

Imagem 1



Fonte: *Tróia*, de Wolfgang Pertersen

Imagem 2



Fonte: *Tróia*, de Wolfgang Pertersen

Ao longo da narrativa da obra de Homero, Aquiles é atormentado por seus conflitos internos. Perceba-se na imagem 2 o guerreiro grego pensando em uma decisão. Ele precisa escolher entre ter uma vida curta e gloriosa, ser para sempre lembrado como o lendário guerreiro

da Grécia, ou uma vida longa, porém nada gloriosa, obscura, totalmente ao contrário da primeira opção. Lutar na guerra e ser reconhecido por todos ou ficar e viver no anonimato. Essas contradições e conflitos são bem abordados no filme. O personagem Aquiles demonstra a todo momento dúvidas sobre ir ou não à guerra. Seu orgulho e suas habilidades o impediam de ser temente ou subordinado ao rei da Grécia. Ele pensava a todo instante se esse sacrifício (de morrer jovem e lutar por um rei a quem não respeitava) valeria a pena. Sua motivação seria apenas a glória de ter seu nome eternizado.

Aquiles também era muito orgulhoso, e isso é apresentado muitas vezes durante a *Ilíada* e também no filme. Ele agia impulsivamente e colocava a sua honra pessoal acima até mesmo do bem-estar dos seus companheiros de guerra. Um momento exemplar disso é quando o rei Agamemnon toma para si o principal despojo de guerra de Aquiles (uma mulher troiana, que no filme é colocada como prima do príncipe Heitor). O guerreiro grego quase entra em confronto com o rei e seus guardas. Após esse fato, Aquiles retira-se da guerra.

*Troia* não se limita a ser uma mera narrativa histórica, mas sim uma plataforma para explorar temas universais. A honra é um elemento fundamental, demonstrado várias vezes, como os desafios individuais de Aquiles e Heitor, bem como nas decisões dos líderes para evitar um derramamento de sangue. O amor também desempenha um papel central, como o amor entre Páris e Helena, desencadeando a guerra, e o amor fraterno entre Heitor e Páris, testando suas lealdades. Além disso, o filme aborda a brutalidade e os custos humanos da guerra, questionando as motivações por trás do conflito. *Tróia* é um filme que mergulha em vários temas profundos e atemporais, proporcionando ao público uma oportunidade de reflexão sobre a natureza da humanidade, as implicações da guerra e os desafios morais que enfrentamos. Dentre as variadas temáticas, gostaria de destacar a natureza humana dos personagens.

O filme explora diferentes aspectos da natureza humana, incluindo ambição, egoísmo, coragem, honra e sacrifícios. Os personagens enfrentam dilemas morais e testes de caráter que ressoam na experiência humana em geral. Quando se trata de ambição e egoísmo, facilmente relacionamos essas características ao rei grego Agamemnon. Ele já havia dominado grande parte da Grécia, fazendo com que outros reis se submetessem a ele, e queria para si a grande Tróia. No filme, em discussão com Aquiles, Agamemnon diz que os reis serão lembrados pelas conquistas, não os soldados.

Porém, quando se trata de coragem, honra e sacrifícios, o rei de Troia, Príamo, possui essas características de sobra. Apesar de já ter uma idade avançada e não poder mais lutar, ele demonstra isso após a morte do seu filho Heitor. Quando Aquiles mata Heitor e carrega seu

corpo para o acampamento grego, Príamo vai escondido até a tenda de Aquiles implorar o corpo do seu filho de volta para um enterro apropriado, digno de um príncipe. Eles têm uma das conversas mais bonitas e impactantes do filme. Ambos se tratam com honra, respeito, admiração. O velho rei Príamo poderia ser morto por Aquiles em segundos, mas ele demonstra coragem em falar com o temido guerreiro grego. Veja-se o trecho retirado do filme:

Aquiles: Quem é você?

Príamo: Acabo de fazer o que nenhum homem na terra fez até hoje: beijei as mãos do homem que matou o meu filho.

Aquiles: Príamo? Como chegou Aqui?

Príamo: Conheço meu país melhor do que os gregos, eu creio.

Aquiles: É um homem de coragem. Eu poderia degolar você em um piscar de olhos.

Príamo: Acha mesmo que a morte me assusta agora? Eu vi o meu filho mais velho morrer, eu vi você arrastar o corpo dele para cá. Devolva-o a mim. Ele merece a honra de um funeral apropriado, você sabe. Devolva-o a mim.

Aquiles: Ele matou o meu primo.

Príamo: Achou que era você. Quantos primos você já matou? Quantos filhos e pais, irmãos e maridos, quantos bravos, Aquiles? Eu conheci seu pai, ele morreu antes da hora, mas teve a sorte de não viver o bastante para ver o filho morrer. Você tirou tudo o que eu tinha, meu filho mais velho, herdeiro do meu trono, defensor do meu reino. Não posso mudar o que aconteceu, é a vontade dos deuses, mas dê-me essa pequena misericórdia. Eu amei meu filho desde a hora em que ele abriu os olhos até a hora que os fechou. Deixe-me lavar o corpo dele, deixe-me fazer as orações, deixe-me colocar duas moedas nos olhos para o barqueiro.

Aquiles: Se eu deixar que saia daqui, se eu permitir que o leve, nada vai mudar, ainda será meu inimigo pela manhã.

Príamo: Ainda é meu inimigo hoje. Mas mesmo inimigos podem se respeitar.

Aquiles: Admiro a sua coragem. Encontre-me lá fora num instante. (TROIA, 2004).

Imagem 3



Fonte: Imagem retirada do filme Tróia de Wolfgang Pertersen

Imagem 4



Fonte: Imagem retirada do filme Tróia de Wolfgang Pertersen

Após essa conversa, Aquiles foi preparar pessoalmente o corpo de Heitor, enrolou-o nos melhores panos e chorou em cima do corpo de Heitor. Ele já havia aceitado seu destino de ficar na guerra, sabia que iria morrer ali, sabia da dor do rei Príamo, pois sentia dor semelhante ao perder seu primo e, pela primeira vez, ele cai em choro, ali sozinho, talvez arrependido das suas escolhas e fala para o corpo de Heitor: “nos encontraremos em breve, meu irmão” (TRÓIA, 2004). Apesar de querer fama, glória e reconhecimento, Aquiles também era muito honrado. Por vezes colocou sua honra à frente dos soldados que lutavam ao seu lado, e ele sabia que Heitor e Príamo também eram assim, homens de respeito e valores. Sua natureza humana falou mais alto, sua consciência estava pesada, ele carregava nela a culpa da morte de seu primo, como também a de Heitor. Seus sentimentos haviam aflorado, mas não havia nada que pudesse fazer agora, a não ser agir com honra.

A produção trouxe uma abordagem mais realista aos eventos mitológicos, destacando os aspectos humanos e emocionais dos personagens. Apesar de na *Ilíada* se fazer presente esse sentimentalismo; no filme, com a presença das imagens, as interpretações, a escolha das palavras para as conversas, o fundo musical, tudo isso contribui para gerar no espectador uma comoção e um misto de sentimentos.

Na *Ilíada*, os acontecimentos ocorrem um pouco diferentes, porém têm o mesmo resultado. Aquiles ainda em luto ultrajava o cadáver de Heitor como uma forma de se vingar da morte de Pátroclo. Isso deixou os deuses bastante indignados e os levou a mais uma vez interferirem nas ações humanas, algo comum e constante na *Ilíada*, mas que foi pouco abordado no filme de Petersen, sendo um dos grandes pontos de divergência entre as duas obras.

Apolo, que já estava protegendo o corpo de Heitor para evitar estragos maiores, aguardava a decisão dos demais deuses. Em reunião, alguns sugeriram roubar o corpo de Heitor, mas não entraram em acordo. Então Zeus, o grande líder dos deuses, chamou Tétis, mãe de Aquiles, para que ela convencesse o filho a devolver o corpo do príncipe aqueu e aceitar o valor que Príamo estava disposto a pagar pelo corpo do filho. Após Tétis consolar e convencer Aquiles, Íris (mensageira dos deuses que podia se personificar em arco-íris) foi enviada para falar com Príamo para pagar o resgate do corpo.

Sob ordem de Zeus, Hermes (deus do comércio, diplomacia e riqueza) acompanha Príamo até Aquiles. Quando Príamo entra sozinho na tenda de Aquiles e se atira aos seus pés e beija as mãos de Aquiles, que se assusta, ambos conversam e choram suas perdas. Aquiles ordena que limpem o corpo e o enrolem, e o coloca na carroça das mulas de Príamo. Aquiles e o rei troiano entram em acordo para cessar fogo por 12 dias para as homenagens devidas as suas perdas (esses dois últimos pontos acontecem no filme de Petersen):

Respondendo-lhe assim falou Príamo, semelhante aos deuses:  
“Não me sentes num trono, ó tu criado por Zeus, enquanto Heitor jaz sem cuidados na tenda, mas o mais rapidamente restitui-me ele, para que o veja com os olhos. E tu aceita o abundante resgate, que te trazemos. Que com ele te alegres e possas regressar à tua terra pátria, visto que logo desde o início me poupaste, deixando-me viver para contemplar a luz do sol.”  
Fitando-o com sobrolho carregado lhe respondeu o veloz Aquiles:  
“Não me irrites agora, ó ancião! Eu próprio estou decidido a restituir-te Heitor, pois como mensageira de Zeus veio ter comigo a mãe que me gerou, filha do Velho do Mar.  
E quanto a ti, ó Príamo, sei eu no meu coração (não me enganas) que um dos deuses te trouxe até as naus velozes dos Aqueus. Nenhum mortal se atreveria a aqui vir, ainda que novo, para o meio do exército. Não passaria despercebido aos guardas, nem facilmente conseguiria abrir os ferrolhos das nossas portas. (HOMERO, 2011, p. 539-540).

Nesse momento, vemos uma cena de grande humanidade e compaixão. Príamo, em sua atitude de desespero, vai até Aquiles, e ambos têm esse diálogo. Apesar da fama de guerreiro implacável, Aquiles demonstra compaixão e respeito pelo sofrimento de Príamo e aceita a oferta de resgate, concordando em devolver o corpo de Heitor. Após o retorno de Príamo e as

homenagens ao falecido Heitor, a *Iliada* se encerra sem apresentar o final da guerra. No filme de Petersen, ele apresenta um final onde Troia é destruída após o “presente grego”.

O filme *Troia* deixou um legado significativo no mundo cinematográfico, como uma adaptação moderna de um dos mais famosos mitos da antiguidade. Embora tenha recebido críticas desfavoráveis devido a algumas mudanças em relação à fonte e ao estilo de narrativa, como, por exemplo, a crítica de Ebert e de Berardinelli:

"Tróia" é baseada no poema épico *A Iliada* de Homero, conforme os créditos. O espólio de Homero deveria processar. O filme contorna a existência dos deuses gregos, transforma seus heróis em clichês de filmes de ação e demonstra que estamos cansados de exércitos gerados por computador". (EBERT, 2004).

*Tróia* é vagamente (e enfatizo vagamente) baseado no poema épico de Homero, “A Iliada”, que muitos espectadores instruídos terão lido uma vez (provavelmente em uma aula de literatura do ensino médio). O roteiro de David Benioff mantém a maioria dos lugares e nomes, mas exige muito do que poderia ser chamado de "licença artística". Uma das mudanças mais interessantes é colocar os atletas olímpicos em segundo plano. Tróia é uma história apenas de homens, não de homens e deuses. Os cineastas queriam que este filme seguisse os passos de *Coração Valente* e *Gladiador*, em vez de *Fúria de Titãs*. Pelo meu dinheiro, é a decisão certa. (BERARDINELLI, 2004).

Essas críticas não poderiam estar mais erradas, visto que o filme chamou a atenção do público com suas cenas de batalhas, cenários grandiosos e elenco de estrelas, o que lhe rendeu uma indicação ao Oscar de 2005. Essa indicação, de alguma forma, é um reconhecimento da qualidade técnica e do impacto emocional do filme. *Troia*, como obra cinematográfica, é uma experiência cativante que continua a atrair atenções ao redor do mundo.

O filme *Troia* conclui-se com a destruição de Troia, após a utilização do lendário cavalo<sup>3</sup> feito pelos gregos como estratégia de entrar na cidade inimiga para destruí-la (o que deu origem a famosa expressão popular “presente de grego”). Aquiles, o grande guerreiro grego, morre após ser atingido no calcanhar por uma flecha atirada pelo príncipe Páris, um evento que ficou conhecido como “o calcanhar de Aquiles”<sup>4</sup>, confirmando, então, a profecia sobre ele, de que não retornaria vivo. Heitor, príncipe de Troia, também morreu em confronto individual contra Aquiles. No final, o filme retrata a cidade de Troia em chamas, enquanto os sobreviventes tentam escapar da destruição.

---

<sup>3</sup> A invenção do famoso cavalo, que acabaria por levar à conquista de Tróia, é provavelmente o mais famoso dos episódios do Ciclo Troiano, estando bem atestado nos Poemas Homéricos, com Zeus a revelar que a cidade seria tomada “por conselho de Atena” (Il. 15.69-71). A esta informação pode-se juntar o facto de o cavalo ter sido construído por Epeu com a assistência dessa deusa, mas que o estratagema foi ideia de Ulisses. (FARIA, 2015, p. 74-75).

<sup>4</sup> Na primeira, a que poderíamos chamar “homérica”, Aquiles morre em combate, através de uma seta com que Páris e Apolo o atingem, sendo as circunstâncias dessa morte bastante obscuras. Esta tradição é também partilhada por Sófocles (Ph. 332-341), Ovídio (Met. 12.579-628) e Pseudo-Apolodoro (Epit. 5.3). (FARIA, 2015, p. 56).

O estágio da história também abordou a tristeza e a futilidade da guerra, destacando que a ganância, o orgulho e a vingança podem levar à destruição de civilizações inteiras. A tragédia dos personagens principais, combinada com a devastação de Troia, serve como uma reflexão sobre os custos humanos e sociais do conflito armado. No geral, a conclusão do filme reforça a ideia de que a história da Guerra de Troia é atemporal sobre a natureza humana, a tragédia e as consequências das ações impulsivas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desfecho deste estudo comparativo entre a *Ilíada* de Homero e o filme *Troia* de Wolfgang Petersen, emerge uma apreciação enriquecedora das diferentes abordagens artísticas e narrativas utilizadas em duas formas de expressão tão distintas. A transição do épico literário para a tela cinematográfica revela não apenas as complexidades inerentes à adaptação, mas também ressalta a capacidade de reinvenção e interpretação que caracteriza a arte.

Ao examinar as divergências entre a obra original e sua representação visual, torna-se evidente que o cinema, enquanto meio de comunicação poderoso, oferece não apenas a oportunidade de entretenimento, mas também de reinterpretação criativa. As escolhas feitas pelo diretor, roteiristas e equipe cinematográfica na criação de *Troia* demonstram a necessidade de ajustes para atender às demandas da linguagem cinematográfica, enquanto ao mesmo tempo preservam a essência da narrativa épica homérica.

A riqueza simbólica da *Ilíada*, com seus personagens cativantes, conflitos épicos e reflexões filosóficas, contrasta com a visualidade impactante e a dinâmica emocional trazida por Petersen em sua adaptação. Ambos os meios, literatura e cinema, mostram-se como formas válidas de explorar o mito troiano, cada qual contribuindo com nuances próprias à compreensão do épico.

Através desse estudo comparativo, torna-se claro que as adaptações cinematográficas não devem ser encaradas como substitutas exatas das obras literárias, mas sim como complementos que oferecem interpretações distintas e proporcionam novas perspectivas. O diálogo entre a *Ilíada* e *Troia* destaca a versatilidade das histórias mitológicas, capazes de transcender as fronteiras do tempo e da forma artística.

Assim, ao contemplarmos as divergências e convergências entre a obra original e sua representação cinematográfica, somos convidados a apreciar a diversidade de expressões artísticas e a reconhecer o valor intrínseco tanto da palavra escrita quanto da imagem em movimento, cada uma contribuindo para a riqueza do nosso entendimento sobre a narrativa troiana e o poder atemporal da mitologia.

## REFERÊNCIAS

- BERARDINELLI, James. Troy. **REEL VIEWS**. 2004. Disponível em: < <https://www.reelviews.net/reelviews/troy> >. Acesso em: 26 dez 2023.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**, vol 1. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- EBERT, Roger. Troy. 14 maio 2004. Disponível em: <<https://www.rogerebert.com/reviews/troy-2004> >. Acesso em: 21 dez 2023.
- FARIA, Miguel Rúben. **Temas do Ciclo Troiano**: Contributo para o estudo da tradição mitológica grega. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado em estudos clássicos, na área de especialização em Culturas e Literaturas Clássicas) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.
- HOMERO. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. Penguin Companhia, 2013, P. 83-557.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. André Cechinel. Santa Catarina: Editora UFSC, 2011.
- JONES, Peter. Introdução. In.: HOMERO. **Ilíada**. Frederico Lourenço. São Paulo. Penguin Companhia, 2013, p. 7-39.
- LOURENÇO, Frederico. Prefácio. In.: HOMERO. **Ilíada**. São Paulo. Penguin Companhia, 2013, p. 54-82.
- STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade, **Ilha do desterro**, vol. 1 n° 51, p. 19-53, 2006.
- TAVARES, João Milton Walter; COSTA, Paulo José da. Tragédia e Psicanálise: Um ensaio sobre o herói grego. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S217648912018000100011>>. Acesso em: 11 dez 2023.
- VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. Joana Angélica D'avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- TROIA. Direção: Wolfgang Petersen. Produção de Wolfgang Petersen, Diana Rathbun e Colin Wilson. México: Warner Bross, 2004. Prime Vídeo.
- ZANON, Camila Aline. **A Ilíada de Homero e a Arqueologia**. 2008. 198 páginas. Pós Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.